

# Antropologia Cristã e Educação

## Fundamentos Teológicos para uma pedagogia humanizadora\*

Pe. Vitor Galdino Feller\*\*

### APRESENTAÇÃO

**E** Por ocasião do seu Centenário, o Colégio Coração de Jesus, das Irmãs da Divina Providência, promoveu, de 02 a 05 de junho último, inaugurando o Centro de Convenções de Florianópolis, o I Congresso Internacional de Educação do Colégio Coração de Jesus, com o tema: "Educar - Uma Perspectiva Humanística". Fui convidado para proferir, ao final, conferência que desse uma visão teológico-cristã sobre o tema. Mesmo não sendo pedagogo, nem especialista em educação, assumi o desafio como educador. De fato, como padre, como professor de teologia, atuando na formação de futuros padres e diáconos, de agentes de pastoral e de lideranças leigas de nossa Igreja, sou responsável pela celebração e educação da fé de muitos irmãos e irmãs na caminhada cristã. Como assessor em cursos para professores de educação religiosa, sinto de perto as agruras do mundo da educação, sobretudo em área tão melindrosa e desafiante como a da formação humanística...

Minha conferência recebeu o título "Educação e humanização. Uma abordagem teológica". Compartilho-a agora com os leitores e leitoras de ENCONTROS TEOLÓGICOS. Lembro, antes, que a fundamentação bíblico-dogmático-teológica da exposição proferida se encontra nos documentos eclesiais, nos manuais, nos livros-texto e artigos que apresentam e debatem a antropologia cristã, sendo parte do senso comum dos fiéis a respeito da verdade evangélica sobre o ser humano. Não me preocupei, por isso, de anotar e referir as fontes usadas!

*"Do ponto de vista da teologia, uma educação que promova verdadeira humanização terá que ser pluridimensional"*

### INTRODUÇÃO

Uma abordagem teológica moderna vê a educação como processo de humanização e personalização, em vista da realização do ser humano em suas quatro relações básicas: com a natureza, com os demais seres humanos, consigo mesmo e com Deus.

Trata-se de uma abordagem que leva em conta a virada antropológica que a teologia cristã realizou neste século. Pondo o ser humano no centro de sua tarefa, a teologia moderna não nega o lugar central de Deus, próprio do teocentrismo antigo e medieval. Mas reconhece os valores do antropocentrismo moderno, atenta, contudo, a não deixar-se contaminar pela exacerbação do individualismo e do racionalismo. A antropologia teológica moderna retoma, em nova ótica, o ser humano como imagem de Deus.

É uma teologia crítica que desemboca nas grandes tendências teológicas hodiernas, nas quais o centro é ocupado pelo ser humano concreto, devidamente situado num contexto de amplas relações e desafios: a libertação do pobre, a emancipação da mulher, a salvaguarda da criação, a unidade das igrejas cristãs, o diálogo entre as religiões, a paz entre as nações.

Do ponto de vista da teologia, uma educação que promova verdadeira humanização terá que ser pluridimensional. O trator massacrante e massificante do neoliberalismo está assentado sobre os pilares da modernidade: o individualismo (ser mais eu...), o materialismo (ter mais...), o consumismo (gastar mais...), o hedonismo (gozar mais...), o cientificismo (conhecer mais...), o tecnicismo (transformar mais...). Trata-se de uma opção pelo ser humano unidimensional: de si para si mesmo. Uma opção que desumaniza o ser humano.

O ser humano pluridimensional é voltado para fora, para as grandes relações que o constituem, a começar pela relação mais básica: o Transcendente. O ser humano livre e íntegro, de personalidade formada e madura, não fecha suas portas para o Transcendente. No nosso caso - uma sociedade formada sobre bases cristãs - não se negará a reconhecer que esse Transcendente é Alguém, um Ser Pessoal, distinto de nós, de quem recebemos nossa distinção e dignidade. A negação desse Alguém terá como consequência a negação do ser humano, a começar pelos mais indefesos.

A teologia moderna é assim crítica porque leva em conta as grandes conquistas e avanços das ciências humanas e sociais, entre elas a pedagogia. Uma teologia receptiva com relação à pedagogia aprende, pela vertente prática, com as experiências de educação popular nos movimentos de massa, nas CEBs e pastorais sociais e, pela vertente teórica, com as contribuições de pedagogos como Paulo Freire, Rubem Alves, Paul-Eugene Charbonneau, entre outros...

Se a teologia aprende com a pedagogia, pode-se, ao inverso, esperar uma pedagogia receptiva com relação à teologia? Uma pedagogia que aprenda da teologia, que seja também crítica, não somente a partir dos próprios valores da modernidade, mas a partir da relação mais básica e profunda do ser humano: sua origem em Deus?

Confiante nessa recepção é que me ponho, talvez ousadamente, a fazer uma abordagem teológica do tema deste Congresso: educação numa perspectiva humanística.

Parto do pressuposto de que todo educador realiza sua missão segundo uma determinada imagem do ser humano, tendo diante dos olhos um modelo ideal que ele gostaria de ver refletido no educando. Por isso, na educação se refletem todas as diversas concepções do ser humano: positivista, mecanicista, humanista ou religiosa. No respeito e admiração por aquilo que todas têm de verdadeiramente humano, situo-me na ótica do cristianismo, que tem uma específica concepção do ser humano, com a qual tem contribuído e contribui para a construção da identidade e personalidade de cada um e da sociedade humana como um todo.

Minha exposição se fará ao redor de três momentos, dialéticos entre si, mas resolvidos no último deles..., três momentos nos quais se refletem essa concepção ou imagem cristã – que consideramos a mais humanista – do ser humano:

a imagem de ser humano configurado por Deus Criador, em quem se encontra nossa origem e nosso futuro: o ser humano chamado à divinização;

a imagem do ser humano desfigurado pelo nosso pecado, sobretudo o pecado do fechamento a Deus, na mentalidade secularista moderna: o ser humano que se desumaniza;

a imagem de ser humano transfigurado em Jesus Cristo: o ser humano plural, aberto às diferenças.

Em cada um dos três momentos, vou mostrando como cada uma destas imagens se reflete no campo da educação. Desse modo, apresento a contribuição da teologia à pedagogia!

### **1. A IMAGEM DO SER HUMANO CONFIGURADO POR DEUS CRIADOR**

Quaisquer que sejam as concepções ou imagens que a pedagogia tem sobre o ser humano, deve-se contudo reconhecer que não é conquista humana chegar à

perfeição dos educandos mediante a formação de sua totalidade psico-física e o desenvolvimento de seus talentos. A pedagogia não é autônoma. Ela depende de uma orientação fundamental, um eixo já dado e determinado. Ela é tarefa, que pressupõe um dom: o ser humano. Ela não cria o ser humano, ela o recebe criado sob determinadas coordenadas, limitado a um conjunto de relações e situações. Ela o recebe na forma de semente, a ser germinada e cultivada, para crescer e produzir frutos. Sem respeitar essa origem, ela corre o risco de desintegrar em vez de integrar a personalidade do ser humano. Mais ainda, não só deve respeito à origem do ser humano, mas também a seu futuro. O autor da vida, ao criar o ser humano, o fez com um determinado objetivo. O fim do ser humano não pode consistir numa realização intra-mundana, pois que é feito por Alguém maior e anterior e feito para esse Alguém. É desse Alguém e nesse Alguém, portanto, que o ser humano recebe a sua plena configuração.

A teologia cristã afirma que, se um ser humano recusar esta visão, não poderá manifestar-se plenamente, pois a realização e a felicidade do ser humano ultrapassam as possibilidades antropológicas da existência neste mundo. É claro que não cabe à pedagogia refletir sobre a origem e o futuro divinos do ser humano. Ela trabalha o ser humano situado no mundo. É uma das muitas ciências humanas, que estuda o ser humano nas coordenadas do espaço e do tempo. No entanto, se não é obrigada a refletir conscientemente sobre a origem e o futuro divinos do ser humano, a pedagogia não pode porém bloquear sua referência a esse dado fundamental. Ela atua a favor da plenificação do ser humano, sabendo que não pode formá-lo nem realizá-lo completamente. A perfeição não é para este mundo, nem é tarefa somente humana. A perfeição é, sim, escatológica, isto é, baseia-se numa esperança que não nega a existência humana, nem modifica a substância do agir humano,

mas, excedendo a dimensão intra-mundana, aponta para a felicidade que somente Deus nos pode dar. A aceitação desta limitação e finitude no campo intra-mundano não é, contudo, motivo de pessimismo, mas sim a base de um sôbrio realismo e – porque não? – de um eficaz otimismo.

Para a teologia cristã, o sinal distintivo do ser humano não é sua espiritualidade, inteligência ou capacidade criativa, mas a idéia recebida pela revelação bíblica judaico-cristã de que o ser humano é, segundo o livro do Gênesis, *imagem de Deus*. A sua dignidade consiste no fato de ele ser criado numa especial semelhança com Deus, que o torna capaz de empreender, como representante de Deus, tarefas elevadas. Mas,

---

*“É sobretudo este diálogo com Deus que constitui o ser humano de modo específico”*

---

mais do que empreender tarefas sublimes, sua dignidade se encontra no fato de ele/ela estar diante de Deus como diante de um amigo, um companheiro, um parceiro. É sobretudo este diálogo com Deus que constitui o ser humano de modo específico. Somente aí aparecem as possibilidades do ser humano, o fim para o qual foi criado.

---

*"Para poder entrar em relação pessoal com o Absoluto que é Deus, é necessário que o educando se torne, antes e cada vez mais, uma pessoa"*

---

A teologia cristã da criação do mundo e do ser humano – uma teologia que vem sendo rejeitada pelo panteísmo sempre antigo e sempre moderno – é, portanto, profundamente humanista e humanizante. Nela se salienta a importância da clara distinção entre Deus e as criaturas, entre a criatura humana e os outros seres. É na base desta distinção

que se vão assegurar, com efeito, os direitos de Deus e os de cada ser humano, os direitos dos pobres e os de todo ser vivo. É no reconhecimento dessa distinção de ordem criacional, que se afirma a dignidade, a consciência, a liberdade e a responsabilidade do ser humano. Criado como diferente de Deus e das outras criaturas, o ser humano é chamado a fazer valer sua distinção pelo diálogo amoroso e responsável diante de Deus, pelo conhecimento e transformação do mundo, pelo engajamento no projeto de Deus: a construção de uma sociedade justa e solidária.

É claro que, na radicalização desta distinção, correm-se riscos..., nem sempre evitados na história do cristianismo. Para afirmar-se como distinto, digno, consciente, capaz, o ser humano cristão – melhor seria dizer: o homem-macho cristão –, europeu, branco, clérigo, racional, excluiu o diferente de si: a mulher, os indígenas e negros, os judeus e islâmicos, as religiões orientais, e, dentro da Igreja, os leigos, os hereges... A teologia cristã moderna, voltando às fontes bíblicas, reinterpreta essa distinção. Ela não deve ser vista em termos de pretensão e orgulho que nós permitem e até mandam impor a fé, mas em termos de graça e dom que nos levam a propor essa experiência de distinção e dignidade a todos. Portanto, as diferenças fundamentam não a exclusão, mas sim o enriquecimento mútuo.

Sem o reconhecimento desta distinção – independentemente da fé ou de qualquer outro critério –, corremos o risco de perder os fundamentos para os grandes eixos de nossa cultura ocidental: o sentido da dignidade de cada ser humano, o valor da consciência e da liberdade de cada pessoa, a igualdade fundamental entre os cidadãos, o direito de cada ser humano às condições fisi-

cas, morais e espirituais mínimas de vida digna, a liberdade religiosa, a liberdade do cientista e do técnico para conhecerem e transformarem a natureza e a sociedade.

Tendo em conta essa imagem do ser humano configurada por Deus Criador, educação significará, portanto, fazer entender ao educando, seja criança ou adolescente, jovem ou mesmo adulto, a sua posição de diálogo com Deus, para que possa entender sua vida como um chamado e empreenda suas tarefas em virtude deste confronto com Deus e com sentido de responsabilidade diante dele. No entanto, para se poder entrar em relação pessoal com o Absoluto que é Deus, é necessário que se torne, antes e cada vez mais, uma pessoa, isto é, alguém capaz de interioridade e abertura, de individualidade e comunicação.

Para isso, tudo na educação faz sentido: o despertar do sentido do trabalho e da responsabilidade, o exercício de esportes e brincadeiras, o encaminhamento a uma profissão e ao serviço na sociedade, a participação numa comunidade de celebração e de formação da fé, a percepção das diferenças sexuais, a preocupação com os bens materiais, a comunicação consciente através da linguagem e das artes plásticas. Em suma, o exercício das energias corporais, o cultivo da dimensão espiritual da existência humana e a inserção na realidade sócio-histórica, tudo se coaduna num eixo primordial: a origem e o futuro em Deus.

Tudo adquire um sentido diferente na vida de um educando quando ele a fundamenta no conhecimento e na relação com esse Alguém transcendente, quando sua orientação fundamental não só se dirige para uma capacitação e rendimento terrenos, mas para aquele encontro com Deus, encontro que se prepara aqui na terra, mas que se realiza de modo pleno no mundo extraterreno, quando, então sim, teremos alcançado, mais por obra e graça dele do que por nossos esforços, a realização e a plena integração de nossa personalidade.

É nesse sentido que se entende a educação cristã, seja ela proposta nas igrejas ou nos colégios de confissão cristã, seja ela apresentada humildemente nos meios de que dispomos na evangelização atual. Creio que não haveria oposições, talvez apenas algumas tensões e divergências, talvez ao contrário muitas conjunções, entre o que aqui se propõe e o que se busca com os estudos da pedagogia moderna.

## **2. A IMAGEM DO SER HUMANO DESFIGURADO PELO NOSSO PECADO**

Desde o início de sua caminhada sobre a face da terra, o ser humano quis definir sua história por uma distinção clara entre ele e seu Criador. Reconhecendo-se capaz de consciência e liberdade, preferiu fazer-se a si mesmo de modo autônomo, e independente de suas relações básicas com sua origem e seu futuro em Deus. Em vez de reconhecer-se estruturalmente chamado à comunhão e comunicação com Deus e os irmãos e ir-

mãs, preferiu fechar-se em seu mundo, deixando-se marcar pelo orgulho e o egoísmo. É o que a teologia cristã chama de pecado: ruptura da estruturação relacional do ser humano!

Assim, por atitudes e ações que recusam sua estruturação e configuração básicas como ser relacional, o ser humano nega-se a si mesmo, se destrói, se desumaniza. Negando-se a uma relação filial com seu Criador, a uma relação fraternal com os demais seres humanos, a uma relação de uso responsável com os outros seres vivos e a uma relação de cultivo de si mesmo..., o ser humano se atrofia, se diminui, repetindo: se desumaniza.

Se a história do pecado dura tanto quanto a da humanidade, é porém verdade que nunca como hoje o ser humano viveu numa relação tão conflitiva com seu Deus. Trata-se do secularismo, uma relação em que Deus é excluído, seja teórica, seja – o que talvez é pior – praticamente. O secularismo separa e opõe o ser humano com relação a Deus, concebe a construção da história como responsabilidade exclusiva do ser humano, considerado em sua mera imanência.

Trata-se de uma concepção filosófico-prática da vida em sociedade, segundo a qual o mundo e a história se explicam por si mesmos, não sendo necessário recorrer a Deus. Deus seria, pois, supérfluo e até mesmo um obstáculo. Para reconhecer e afirmar seu poder, o ser humano se coloca acima de Deus ou mesmo o nega. Novas formas de ateísmo – um ateísmo antropocêntrico, não abstrato e metafísico, mas prático e militante – parecem derivar do secularismo. Em união com este secularismo ateu, nos é proposta todos os dias, sob as formas mais diversas, uma civilização de consumo e prazer erigidos em valor supremo, uma vontade de poder e de domínio, de discriminações e preconceitos de toda espécie, que se constituem como inclinações desumanas deste falso humanismo.

Até mesmo o tão decantado retorno ao sagrado nada mais é do que a pretensão humana de enquadrar na lei do mercado a dimensão religiosa do ser humano. Assim, no âmbito da cultura individualista e da economia liberal-capitalista, cria-se uma religião do "eu", de fácil venda e consumo. Muitas expressões religiosas da atualidade não levam as pessoas ao encontro com o Transcendente e à comunhão com o próximo. Elas servem, isso sim, como mais um meio de lucro. O capitalismo ocidental, depois de ter sugado o sangue e o suor do trabalhador, pretende sugar-lhe também a alma, fazendo negócios com a religiosidade, a dimensão mais íntima do ser humano. Guiando-se por um novo panteísmo, mascarado de nova era de harmonia cósmica e paz universal, o neo-liberal diviniza tudo, não com o fim de converter-se e mudar suas atitudes e atos em

favor da vida, mas com o fim de vender e comprar o divino, agora colocado em nossas mãos. Não reconhecendo as diferenças entre Deus, o ser humano e o mundo, e colocando-os todos na mesma vitrine de consumo, essas expressões religiosas continuam a afirmar o individualismo e o secularismo da civilização moderna.

Desse modo, a cultura moderna, urbana, embora fundada em grandes linhas sobre bases cristãs, pelo fato de rejeitar a Deus ou de pretender encaixá-lo na lei do mercado, deixa-se marcar fortemente pelo poder da morte, expresso em tantos fenômenos desumanos que caracterizam nossos tempos: a exclusão dos pobres, o abandono das nações que vivem em estado de miséria, a violência contra as crianças, a indiferença dos jovens com relação aos grandes ideais da vida, o alto número de suicídios entre os jovens, a violência no campo e na cidade, a corrupção nos meios políticos, o seqüestro e o terrorismo, o narcotráfico e a toxicomania, a pornografia e a prostituição, a permissividade e a promiscuidade sexual.

Quantas vítimas oferecidas em sacrifício no altar dos deuses modernos! Porque não têm vida própria – como o Deus vivo e verdadeiro –, esses ídolos precisam da vida, do sangue de inocentes, para poderem se firmar na crista da onda, para se manterem no poder. Os deuses Dinheiro, Poder, Prestígio, Prazer, se tornam assim ídolos. Não falam, não vêem, não ouvem... Como os três macaquinhos, se fecham à comunicação, ao diálogo. Isolam-se sobre si mesmos, não reconhecem a dura vida do povo. São deuses perversos, perniciosos. Não estão interessados em que o povo alcance a libertação das alienações e marginalizações. Bem ao contrário, esses deuses vivem e sobrevivem às custas da alienação do povo.

Tudo isso reflete-se no campo da educação. Como as famílias e igrejas, são as escolas os melhores lugares para medir o grau de humanização ou desumanização de um povo. Sinais de alerta de uma sociedade profundamente desumanizada, em que se explicitam as imagens desfiguradas do ser humano, ressoam em nossas escolas: ideologias de feição utilitário-técnico que tratam a educação como simples meio de assegurar um futuro profissional; o desinteresse dos estudantes por sua própria educação; a irresponsabilidade dos governantes com relação ao direito das crianças e adolescentes à educação; o descaso com a formação dos formadores, a omissão de muitos educadores; a instrumentalização da educação para fins políticos; a violência contra crianças e adolescentes; a imposição de opiniões pessoais como verdades absolutas; a desigualdade no acesso à educação; a persistência do analfabetismo...

---

*"Um dos grandes problemas do mundo moderno, do ponto de vista da teologia, é a inconsciência do pecado"*

---

Como tratar com essas imagens desfiguradas? A educação tradicional as tratava com a repressão. A moderna com o relativismo. Hoje, valoriza-se a disciplina. A pedagogia atual reconhece que o ser humano – criança ou jovem – precisa ser controlado em suas orientações. Melhor que controle, talvez fosse melhor falar de orientação.

Quando o mal não é reconhecido como tal, é impossível erradicá-lo. Um dos grandes problemas do mundo moderno, do ponto de vista da teologia, é a inconsciência do pecado. Quando não se toma consciência do pecado, quando não se assume a responsabilidade do mal que se comete, quando não se vê a desfiguração da imagem do ser humano..., não há como mudar a realidade. Não por nada a teologia moderna, do Vaticano II à teologia da libertação, seguindo o método ver-julgar-agir, inicia com uma análise da realidade, detectando aquilo que nela é desumano, injusto, contraditório com a vontade primigênia de Deus.

Se, no mundo da educação, não trabalharmos os erros, os pecados, os desvios..., se considerarmos que tudo é normal, natural..., se não percebermos e evidenciarmos o desumano e desfigurado do ser humano..., estaremos fugindo à realidade, mascarando-a com a pretensão de que o ser humano é bom por natureza, não há nenhum mal nele, o mal não é culpa nossa, é apenas inerente à natureza. Dessa maneira, negando a culpabilidade, negamos também a responsabilidade e, por conseqüência, a liberdade humana. Não se trata de uma educação negativista e pessimista que acentue, para reprimir e controlar, a dimensão pecaminosa do ser humano. Trata-se de um realismo do qual não se pode fugir!

### 3. A IMAGEM DO SER HUMANO TRANSFIGURADO EM JESUS CRISTO

Em Jesus de Nazaré, encontramos a negação e superação dessa atitude isolacionista. Ele viveu plenamente relacionado com o Pai, os irmãos e a natureza. A fé cristã reconhece que ele, no mistério pascal, isto é, em sua morte e ressurreição, é Salvador de toda a humanidade. Isto porque ele recoloca o ser humano na condição original de criatura de Deus. Como vimos antes, pelo pecado o ser humano rompeu as relações fundamentais e constitutivas de seu ser, pôs-se numa situação de não-salvação, de autosuficiência destruída, de fechamento aniquilador. Jesus Cristo é a saída desta situação: vivendo, morrendo e ressuscitando como ele, estaremos salvos. Na obediência ao Pai, na solidariedade com os irmãos, sobretudo os pobres, e na inserção na história de seu povo e na paisagem de sua terra, vendo a criação como dom e sacramento do Reino de Deus, Jesus Cristo é a antítese do Adão do Gênesis. Sendo Deus desde toda a eternidade, com o Pai e o Espírito Santo, como crêem os cristãos, fez-se um de nós em tudo... menos no pecado. Ele é o ser humano por excelência, não pecador, mas relacional, o novo Adão, que apresenta aos irmãos e irmãs a proposta do

novo jeito de viver como humanos. Tão humano assim ninguém foi. Só mesmo Deus para ser tão humano assim...

Sua humanidade se manifesta em suas relações: amou com predileção os pobres, acolheu com perdão os pecadores, curou os doentes, valorizou as mulheres, enfrentou com coragem o poder religioso e político, desafiou o sistema centralizador do Templo de Jerusalém, reintegrou os marginalizados (leprosos, samaritanos, estrangeiros...), enfim, passou na terra fazendo o bem, sendo simplesmente e plenamente humano. Pagou caro por isso. Foi rejeitado e pagou caro, com a morte, o preço de ser verdadeiramente humano.

Na cruz aparece claramente o paralelismo antitético entre Jesus Cristo e Adão (você, eu, o "terreno"...): obediência e desobediência, solidariedade e egoísmo, fidelidade e auto-suficiência. Enquanto Adão pretende possuir a árvore do bem e do mal; querendo ser senhor de tudo e todos, definidor do bem e do mal e, por isso, se perde a si mesmo e põe a todos na perdição..., Jesus de Nazaré, ao contrário, morrendo na árvore da cruz, salva a si e a todos. Amando e perdendo até o fim, sendo levado à morte na cruz, preferindo morrer para não matar, preferindo sofrer sua exclusão para não excluir ninguém, exercendo ao máximo a tolerância e o perdão..., Jesus de Nazaré vive na cruz a perfeição do ser humano relacional. Vive a plenitude da dimensão religiosa: é fiel e obediente ao projeto do Pai e de seu Reino de paz e justiça. É alguém plenamente comunitário e social, entendendo que sua vida e morte servem para a salvação da humanidade. Em sua morte na cruz, a fé cristã reconhece que Jesus foi o restaurador e reconciliador de todo o cosmos. Enfim, a cruz não é recusa da história e da criação, mas é,

---

*"O novo ser humano,  
transfigurado em  
Jesus Cristo, é  
chamado a viver  
diante do mundo  
uma liberdade  
responsável"*

---

paradoxalmente, rejeição do poder abusivo do ser humano e proposta de uma existência plenamente relacional com Deus, os irmãos e irmãs e toda a natureza.

Evidentemente, não se trata de uma proposta dolorista e pessimista da condição humana. A fé cristã não põe a cruz no fim. Ao final de tudo, bem ao contrário, professa o senhorio universal de Jesus Cristo sobre a criação e a humanidade. Pela ressurreição, Jesus Cristo revela seu senhorio sobre o mundo criado, a vitória da vida sobre a morte. Quem ama dessa maneira, até o fim..., não pode permanecer na morte. A morte não tem poder sobre a força da vida. A ressurreição rompe a limitação-condicionamento da existência frágil e mortal de Jesus de Nazaré e abre sua vida à expansão total, incluída sua nova relação com a matéria. Na sua ressurreição, Jesus Cristo antecipa o futuro

do ser humano e do mundo. Podemos assim sonhar uma nova criação, um novo ser humano.

O novo ser humano, transfigurado em Jesus Cristo, é chamado a viver diante do mundo uma liberdade responsável. Não é escravo das coisas do mundo, que são relativizadas, desdivinizadas e dessacralizadas pelo absoluto de Deus. Não vive na liberdade arbitrária e egoísta, mas na liberdade serviçal e comunitária do homem novo. Não vive para si, mas para fora de si. Não busca simplesmente a liberdade de... – das opressões e repressões, injustiças e alienações, discriminações e preconceitos – com o risco de uma mera emancipação burguesa. Busca a liberdade para... – o serviço aos mais necessitados, a opção pelos pobres, a defesa e salvaguarda da criação, a construção da nova sociedade, a dignidade da mulher.

O novo ser humano, transfigurado em Jesus Cristo, é chamado a viver no meio de tensões e conflitos. Ainda não chegou à maturidade. Há tensões entre o novo já presente e o velho que persiste em continuar perturbando. Assim, vivendo a realidade do presente, as cruzes de cada dia, caminhamos para o futuro. Toda a moral cristã encontra sentido nesta dinâmica: cruz e ressurreição, velho e novo, pecado e justiça, egoísmo e solidariedade. O projeto do ser humano novo, transfigurado em Jesus Cristo, se constitui em crítica radical das distorções dos humanismos de hoje: individualismo egocêntrico, competição desmedida, consumismo alienante, tecnocratismo sacrificialista, comercialização das relações, acomodação da dimensão religiosa e ética, depredação da natureza, injustiça nas relações internacionais, sistemas econômicos selvagens. A todas estas distorções, o ser humano transfigurado em Jesus Cristo reage na dinâmica e na cultura da solidariedade, virtude que encontra seu fundamento antropológico na criação do ser humano como ser relacional em Jesus Cristo, com Deus, com os irmãos e com a natureza.

O mundo da educação é próprio para a apresentação dessa imagem do ser humano. Jesus de Nazaré foi único em sua pedagogia: utilizava um método narrativo típico de sua cultura; ligava ensinamento com vida concreta; punha a pessoa humana acima das leis; deixou claro desde o início seu programa de ação; desmascarou corajosamente as elites do poder religioso e político, respeitava a sabedoria dos pequenos; trabalhava com prioridades; salientava o essencial; trabalhava com o coração; sabia o que havia no coração do ser humano.

Pôr-se diante de uma criança ou adolescente, de um jovem ou adulto, reconhecendo-o como alguém que pode ser transfigurado... é o grande desafio da educação. Massas alienadas, pessoas analfabetas, meninos e meninas de rua, jovens desorientados, crianças desnutridas, mulheres violentadas, trabalhadores humilhados, anciãos desamparados... todos podem ser transfigurados. Acreditar no coração humano, como Jesus de Nazaré acreditou no coração de humildes pescadores, de samaritanos desprezados, de mulheres discriminadas,

de pobres excluídos, de crianças inocentes... Pessoas que hoje e para sempre têm seus nomes registrados nos anais da história, que fizeram história e transformaram o mundo, só porque Jesus os transformou, os transfigurou. Teriam permanecido anônimas, como muitos doutores da Lei e sacerdotes do Templo que não se deixaram guiar pela mística pedagógica de Jesus de Nazaré.

Sem a modesta, mas segura, pedagogia de Jesus, esses homens e mulheres não teriam feito sua Páscoa, seu processo pedagógico, sua passagem da alienação para a participação na construção da história, do medo para a coragem de ir pelo mundo a anunciar a Boa Notícia da salvação. Uma salvação que se dá, não pelo poder e riqueza, não de cima pra baixo, não por um passe de mágica. Mas uma salvação que acontece aí onde está o ser humano: fraco, frágil, mas aberto ao futuro, forjador de história, sonhador de sua própria transfiguração e da transformação do mundo.

Pode-se sonhar com uma educação que transfigure o ser humano?

## CONCLUSÃO

A educação é um meio excelente para fazer acontecer e assimilar na vida das pessoas e dos povos a imagem transfigurada do ser humano renovado em Cristo. Fundamentada numa antropologia cristã – que marca nossa cultura ocidental –, a educação estará enriquecida por estas três motivações, que, sendo entre si inclusivas e interativas, se definem pela última delas:

- pelo otimismo estimulador da imagem do ser humano configurado por Deus Criador: um ser relacional;
- pelo realismo inegável da imagem do ser humano desfigurado por seu pecado: um ser desumanizado;
- pelo idealismo permanentemente utópico da imagem do ser humano transfigurado em Jesus Cristo: um ser divinizado, plenamente realizado na comunhão com Deus, com os demais seres humanos, consigo mesmo e com a natureza.

Minha fé me diz – e eu a compartilho com vocês: este ser humano novo e transfigurado já existe. Ele está no Coração de Jesus de Nazaré!

\* Conferência pronunciada no *Centrosul*, em Florianópolis, durante o I Congresso Internacional de Educação promovido pelo Colégio Coração de Jesus em seu Centenário

\*\* O Autor é Doutor em Teologia e Professor de Teologia no ITESC

## Endereço do Autor:

*Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem*  
*Rua João Mota Espezim, 1023 - Saco dos Limões*  
*88.045-400 – FLORIANÓPOLIS – SC*